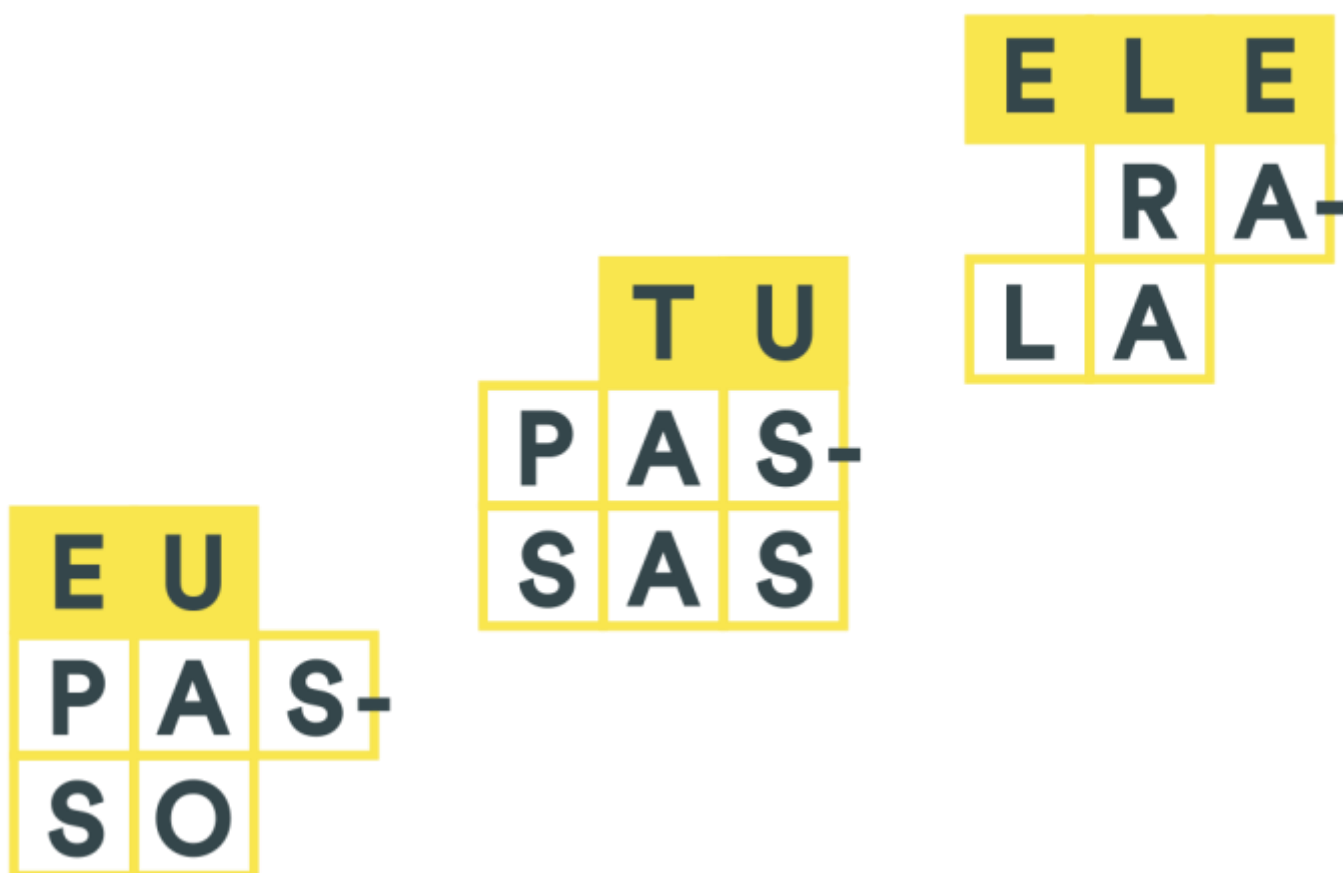


Revisão com aprofundamento: Barroco e Arcadismo



Revisão com aprofundamento: Barroco e Arcadismo

1. (VUNESP) Sermão do Mandato

Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ali pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pode ser efeito do amor o apartar? Assim é, quando o amor não é extremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários. A dor faz gritar; mas se é excessiva, faz emudecer: a luz faz ver; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: Fortis est ut mors dilectio: o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sábio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não fala Salomão de qualquer amor, senão do amor forte? Fortis est ut mors dilectio: e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Sansão: afetuoso, deixa-se atar; forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Enquanto amoroso e unitivo, ajunta os extremos mais distantes: enquanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos.

(ANTONIO VIEIRA. *Sermão do Mandato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 165-166.)

FELIZA

Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflama;
Dizem que és dos mortais suave abrigo;
Que enjoa, e pesa a vida a quem não ama:
Mas com dura exp'riência eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Feliza de Sileu! Quem tal pensara
Daquela, entre as pastoras mais formosa

Que a vermelha papoila entre a seara,
Que entre as boninas a corada rosa!
Feliza por Sileu me desampara!
Oh céus! Um monstro seus carinhos goza;
Ansia cruel me esfalfa o sofrimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Ingrata, que prestígio te alucina?
Que mágica ilusão te está cegando?
Que fado inevitável te domina,
Teu luminoso espírito apagando?
O vil Sileu não põe na sanfonina
Jeitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 685-686.)

Os trechos transcritos do sermão de Vieira e do poema de Bocage apresentam traços peculiares de seus respectivos estilos de época, o barroco e o neoclássico. Verifique, numa leitura atenta, esses traços e, a seguir:

- a) mencione e explique uma característica do estilo barroco que Vieira explora com insistência no seguinte trecho: **“O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte?”**;
- b) aponte um aspecto da segunda estrofe do poema de Bocage típico da poética neoclássica.

2. (VUNESP) Texto 1

Goza, goza da flor da mocidade,
que o tempo trata a toda ligeireza
e imprime em toda flor a sua pisada.

Ó não aguardes, que a madura idade
te converta essa flor, essa beleza,
em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

(Gregório de Matos)

Texto 2

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos anos.

(Basílio da Gama)

Os poemas de Gregório de Matos e de Basílio da Gama são da Era Clássica da literatura, embora pertençam a diferentes escolas literárias.

- a) Indique a que movimentos literários se filiaram, respectivamente, os autores.
- b) Explique a semelhança entre os textos no que diz respeito à temática abordada.

3. (UFRJ) A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso gabo:
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;
A sexta vá também desta maneira:
Na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei;

Se desta agora escapo, nunca mais
Louvado seja Deus, que o acabei.

(Gregório de Matos)

No mundo barroco, predominam os contrastes. Partindo das ideias contidas no 1º e nos dois últimos versos do soneto de Gregório de Matos, explique a oposição básica que confere ao texto feição satírica.

4. (VUNESP) Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado!
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras Poéticas.

Nova edição, contendo reimpressão do que deixou inédito ou ainda esparso, um estudo sobre sua vida e obras por João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras. t.I: Sonetos, Éclogas, Epístolas, Fábula e Epicédio. Rio de Janeiro, H. Garnier- Editor, 1903. t.I, p. 106.

A crítica literária brasileira tem ressaltado que o terceiro verso do poema é aquele que concentra o tema central. Essa mesma crítica, por outro lado, anotou com propriedade a importância do décimo segundo verso: este verso exprime uma mudança de atitude, que se corrige nos versos finais graças à descoberta, feita pelo eu poemático, da verdadeira causa do fenômeno descrito em todo o poema.

Responda:

- a) Qual o tema que o terceiro verso concentra? Transcreva outros dois versos que o repercutem.
- b) A que causas o eu poemático atribui o fenômeno observado na natureza?

5. (VUNESP) Um dos elementos que diferenciam Cláudio Manuel da Costa de outros poetas do Arcadismo brasileiro é o fato de ainda conservar algumas características do estilo barroco. No poema transcrito, a presença barroca se dá no rebuscamento sintático causado pelas inversões, atenuadas por exigência do ritmo e da rima.

Sabendo que as inversões de ordem sintática acontecem em todas as estrofes,

- a) reescreva a segunda estrofe de modo a preservar a colocação normal pedida pela sintaxe.

Gabarito

1. a) Trata-se da antítese, que consiste na aproximação de ideias contrárias, como união e separação. (Gabarito oficial VUNESP)
b) **O ambiente pastoril e bucólico (“entre as pastoras mais formosa”)**. (Gabarito oficial VUNESP)
2. a) Gregório de Matos - Barroco Basílio da Gama - Arcadismo
b) viver a vida e aproveitar a mocidade e a beleza. (Gabarito Oficial Vunesp)
3. **No soneto, há oposição entre a proposta inicial de elogio “um soneto começo em vosso gabo” e a sua realização “se desta agora escapo, nunca mais”**. (Gabarito UFRJ)
4. a) O tema do terceiro verso é sobre a transitoriedade e a mutabilidade da vida e das coisas, próprio da poesia neoclássica. Os versos que o repercutem são:
"Quem fez diferente aquele sítio?"
"Ali em vale um monte está mudado."
b) O "eu-lírico" atribui ao progresso como o causador da destruição da natureza. Ainda, o "eu-poético" está turvado pela dor de seus próprios males e infortúnios. (Gabarito Vunesp)
5. a) Reescrevendo a segunda estrofe na colocação normal, tem-se:
Houve aqui uma fonte; eu não me esqueço
De estar reclinado a ela um dia.
Ali um monte está mudado em vale
Quanto o progresso dos anos pode. (Gabarito Vunesp)